

A CIÊNCIA SÓ EXISTE SE FOR COMUNICADA: SABINE RIGHETTI FALA SOBRE OS DESAFIOS E URGÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

Angela Maria Grossi

■ Jornalista, pesquisadora e professora da UNESP, onde atua no curso de Jornalismo e na pós-graduação em Mídia e Tecnologia. Doutora em Ciência da Informação, com pós-doutorado na Universidade de Sevilla e livre-docência em Mídia e Informação. Já coordenou o curso de Jornalismo e atualmente é vice-chefe do departamento e vice-coordenadora do PPG em Mídia e Tecnologia. Dirige a Rádio Unesp FM e integra projetos institucionais como o Programa FAPESP Mídia Ciência e o PROJOR. Sua atuação reúne pesquisa e prática em jornalismo, políticas de informação, integridade informacional, desinformação e educação midiática.

■ *Periodista, investigadora y profesora de la UNESP, donde actúa en el curso de Periodismo y en el posgrado en Medios y Tecnología. Doctora en Ciencia de la Información, con posdoctorado en la Universidad de Sevilla y habilitación en Medios e Información. Ya coordinó el curso de Periodismo y actualmente es subdirectora del departamento y vicesupervisora del Programa de Posgrado en Medios y Tecnología. Dirige Rádio Unesp FM e integra proyectos institucionales como el Programa FAPESP Media Ciencia y PROJOR. Su trayectoria combina investigación y práctica en periodismo, políticas de información, integridad informativa, desinformación y educación mediática.*

■ E-mail: angela.grossi@unesp.br



A ciência só existe se for comunicada: Sabine Righetti fala sobre os desafios e urgências da comunicação científica no Brasil e na América Latina

Pesquisadora do Labjor-Unicamp e cofundadora da Agência Bori, Sabine Righetti discute a centralidade da comunicação científica na consolidação de uma cultura científica democrática, analisando os desafios institucionais, epistemológicos e sociais que marcam a relação entre ciência, mídia e público no Brasil e na América Latina.



Nesta edição nº 49 da Revista ALAIC, dedicada à Comunicação Científica, conversamos com uma voz que tem sido central no debate sobre como o conhecimento circula no Brasil. Sabine Righetti é jornalista formada pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), pesquisadora e professora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde investiga como a ciência é produzida, comunicada e percebida pela sociedade. Coordenadora do Programa Mídia Ciência da FAPESP e cofundadora da Agência Bori, Sabine está na linha de frente de iniciativas que aproximam a produção científica brasileira do jornalismo e do público.

Com mestrado e doutorado em Política Científica e Tecnológica pela Unicamp, coleciona passagens acadêmicas internacionais de peso: foi pesquisadora visitante na Universidade de Michigan (Knight Fellow, 2012) e em Stanford (Lemann Fellow, 2017), além de Eisenhower Fellow em 2014 e pesquisadora de pós-doutorado no IBICT-UFRJ entre 2023 e 2024.

Na Unicamp, atua como professora e orientadora tanto na Especialização em Jornalismo Científico do Labjor quanto no Programa de Pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural, onde lidera o grupo #TemCiencianoBR, dedicado a estudar a produção científica nacional e sua disseminação. A presença de Sabine transborda os muros

da universidade: ela integra conselhos consultivos como o do Ranking Universitário da Folha (RUF) e o do Museu de Ciências da Unicamp, e participa da Comissão de Integridade em Pesquisa da instituição. Já colaborou com órgãos como o Conselho Nacional de Educação (CNE) e o Inep-MEC, sempre levando consigo o olhar atento para políticas de ciência e educação.

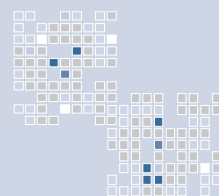
Seu percurso no jornalismo científico também vem sendo amplamente reconhecido. Sabine recebeu o Prêmio José Reis de Divulgação Científica (categoria Jornalismo de Ciência, 2023), entre muitos outros destaques, incluindo prêmios Folha de Jornalismo, Estácio, Jornalistas Especialistas e indicações ao Einstein + Admirados e ao Jabuti. Desde 2019, é *grantee* do Instituto Serrapilheira, fortalecendo ainda mais sua atuação em divulgação científica.

Com essa trajetória que transita com desenvoltura entre pesquisa, comunicação e políticas públicas, Sabine Righetti nos ajuda a enxergar os caminhos — e os tropeços — da ciência brasileira no espaço público.

A entrevista foi realizada pela jornalista e pesquisadora Angela Maria Grossi, uma das editoras deste dossiê. A seguir as reflexões sobre o presente e o futuro da comunicação da ciência no país, em um momento em que informação confiável nunca foi tão necessária.

Angela Maria Grossi: A revista ALAIC fez esse número especial sobre Comunicação da Ciência. Recebemos muitos artigos, com relatos de iniciativas e experiências que estão sendo feitas na América Latina. Eu queria que você contasse um pouco sobre essa sua trajetória na área da comunicação e da educação científica e como você enxerga essa área dentro de uma sociedade hoje tão polarizada e, às vezes, tão difícil de se comunicar.

Sabine Righetti: É o tema com o qual eu trabalho há mais de 20 anos, desde que eu me formei na UNESP de jornalista de ciência, isso foi em 2002. Então, desde então, eu me dedico a estudar e trabalhar com divulgação científica, circulação do conhecimento científico, com foco, sobretudo, pelo jornalismo, que é minha área de formação. Então, nessa trajetória, eu fiz toda a minha formação acadêmica, da especialização em jornalismo científico, mestrado, doutorado de política científica, muito para a circulação do conhecimento. Trabalhei profissionalmente, passei por algumas publicações, como a revista Ciência e Cultura, Consciência da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, contribuí para revistas como Superinteressante, Pesquisa FAPESP e outras, e trabalhei bastante tempo como repórter de ciência da Folha de S. Paulo, e em São Paulo, em Brasília, passar um tempo fora, enfim, mas sempre olhando para a ciência brasileira e um pouco para a política científica, ou seja, como que se faz a gestão de tudo que é atividade relacionada ao fomento da ciência, produção de ciência, avaliação da ciência que é produzida, enfim. E aí, depois de um tempo que eu já tinha defendido o doutorado, eu mergulhei mais na academia e desde 2019 eu sou pesquisadora do LabJor, do Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo da Unicamp, e no ano seguinte, 2020, a gente lança a Agência Bori, que é uma iniciativa que tem um foco em divulgar ciência de pesquisadores de instituições do Brasil para a imprensa. Então, uma agência de notícias, mas que tem o objetivo de pautar a imprensa nacional, um pouquinho internacional. Nesse período, o que eu observo, é que a ciência brasileira cresceu muito, isso os indicadores mostram, mas ela cresceu também em presença na imprensa, a importância, os veículos cada vez mais noticiam, valorizam, formam equipes para trabalhar com conhecimento científico, mas eu entendo não se reflete muito ainda na institucionalização da comunicação de ciência. Então, até hoje, acho que os pesquisadores são muito resistentes a divulgar seus trabalhos, a dar entrevistas, isso não está introjetado no dia-a-dia do trabalho do pesquisador, ainda



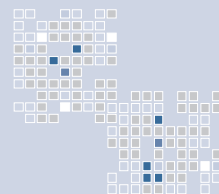
é difícil, tem momentos assim que agora, em 2025, parece que são os mesmos desafios para falar com os pesquisadores. Apesar de tudo que a gente viveu, com negacionismo, pandemia, de ficar evidente a necessidade da circulação do conhecimento, ainda é difícil esse acesso aos pesquisadores, mas a ciência brasileira cresceu muito e está cada vez mais presente na imprensa.

Angela Maria Grossi: Como você avalia a relevância, por exemplo, da revista ALAIC, ao dedicar esse número mesmo especial à comunicação pública da ciência na América Latina, e por que esse debate é urgente para a região?

Sabine Righetti: Isso é muito interessante, esse tipo de iniciativa, porque quando a gente está discutindo como fazer, o que fazer, a gente precisa estudar. Então, quanto mais trabalhos estiverem tentando entender o campo, e sendo um campo que muda a comunicação muda. E porque o contexto no qual a gente está inserido muda. Entre cinco e dez anos atrás não tinha negacionismo e desinformação. Há dez anos não tinha redes sociais, imagina. Então, quando eu era jornalista da Folha, não existiam redes sociais. Então, muda tudo. E como muda tudo, a gente precisa ficar estudando o que fazer. O que fazer diante do negacionismo agora, da ascensão da extrema-direita, que inclusive, já conectando com a América Latina, é uma questão no mundo todo, mas é uma questão que está muito forte na América Latina, a gente está o tempo todo flertando com a extrema-direita. E com o passado, no caso da América Latina, que nos preocupa, porque a gente tem um histórico já de décadas em que vários países da América Latina que andaram juntos nesse processo e depois no processo de democratização. Acesso ao conhecimento depende de democracia, então não dá para a gente falar em circulação do conhecimento científico em países autoritários e com jornalismo, né, sob risco. Então, é muito interessante que a gente consiga compilar essas informações de quem está olhando para o campo, juntá-las estimular que essas pesquisas sejam feitas, porque eu entendo que esse tipo de iniciativa, né, acaba fomentando também a área, e com olhar para a nossa região, que é uma região um pouco peculiar, né.

Angela Maria Grossi: Então, nesse sentido, partindo da sua resposta, abordar a comunicação da ciência também contribui para a alfabetização científica e para a formação mais cidadã, vamos dizer assim, mais crítica, do ponto de vista da criticidade em relação à ciência, ao negacionismo e da vida das pessoas a partir do fazer científico?

Sabine Righetti: Exato, porque a gente vê que tudo anda muito de mãos dadas, né, se a gente pensar assim, a gente no Brasil e os países da América Latina, estão de mãos dadas, a gente tem um dos piores níveis de educação científica do mundo, de base, medido por uma série de provas, indicadores internacionais, e isso, óbvio, está dialogando com o contexto de negacionismo e desinformação que a gente tem, se a gente tem uma educação científica de base ruim porque as escolas são pouco experimentais, porque a educação ainda é muito precária, então a gente não entende exatamente como a ciência é feita. [...] A cultura científica ainda precisa se desenvolver muito. E, nesse contexto, é difícil acessar o conhecimento científico.[...] Esse cenário da educação científica ainda é muito ruim, no Brasil e na América Latina, como se fosse o tapete perfeito para o negacionismo e para a desinformação, e por isso que a gente precisa circular tanto conhecimento científico.

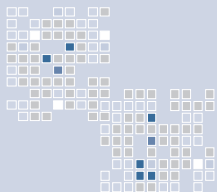


Angela Maria Grossi: Você falou bastante da questão do negacionismo, deu até o exemplo agora da pandemia, da vacina e tudo mais. Quais foram as mudanças mais significativas na forma de comunicar a ciência após a pandemia de covid-19, já puxando esse gancho?

Sabine Righetti: Confesso que durante a pandemia eu achava que a gente ia ter um salto na comunicação de ciência, estava muito otimista, olhando para a comunicação, pensando assim: nossa, finalmente vamos entender, enquanto sociedade, que é importante circular o conhecimento científico, que a ciência é um assunto que está no nosso dia a dia, por causa de um vírus, que é um assunto científico, o mundo parou e ficou lá observando, numa espécie de Big Brother, o desenvolvimento de uma vacina, e isso teve impacto social, econômico, na educação, em tudo na nossa vida. Então, eu achava que a gente ia entender que a ciência está em tudo, que as instituições iam entender a importância da comunicação, de ter equipes, de ter várias frentes de comunicação e que os cientistas também iam entender, porque eles precisam estar falando com a sociedade por vários mecanismos. E isso aconteceu de uma maneira muito tímida, falando assim de, em caráter totalmente analítico e observacional. O que eu percebo é que a ciência ganhou mais espaço na imprensa, é como se a imprensa tivesse amadurecido e entendido que os assuntos científicos, ou melhor dizendo, que basicamente todo assunto é científico. Impacta diretamente a vida e cientistas têm que ser ouvidos, sobretudo. A imprensa amadureceu, então, assuntos aleatórios, que aparentemente não seriam da editoria de ciência, hoje eu vejo que os jornalistas estão ouvindo os cientistas a respeito daquilo que está acontecendo, seja taxaço de super rico, vai ouvir lá o pesquisador, seja contaminação de bebida por metanol, isso eu vejo os jornalistas fazendo muito mais um movimento de ouvir instituições de pesquisa e também os cientistas, também se é institucional. Por outro lado, os cientistas continuam divulgando timidamente as suas pesquisas, isso a gente observa muito na Bori, preferem não divulgar, nem falar com a imprensa, nem ter nenhuma presença da imprensa.

Angela Maria Grossi: Estamos falando de negacionismo, mas também a gente tem que pensar na desinformação. Vimos, muito fortemente, a desinformação ligada ao negacionismo. Um reflexo dessa compreensão equivocada do que é um conteúdo desinformativo, trazendo ele como verdadeiro, especialmente sobre as vacinas nos mensageiros como WhatsApp, Telegram, que foram usados sem nenhum pudor e sem nenhum tipo de regulação ou qualquer tipo de limite para barrar a disseminação. Que lição a gente pode tirar para o enfrentamento da desinformação científica pensando no contexto da pandemia e pensando o quanto as mídias sociais têm poder tão forte e influência tão grande com o público?

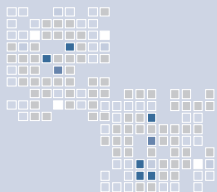
Sabine Righetti: Isso, cada vez mais a gente estuda e se dedica a entender o que acontece na desinformação, o sistema de desinformação e a conexão com redes sociais, porque a desinformação sempre existiu, mas hoje ela circula muito facilmente pelas sociais, e já tem pesquisas que mostram que a desinformação circula muito mais do que a informação, chega a ser 70% mais, e isso serve muito a alguns fatores do tipo, a construção da desinformação, ela toca muito no nosso coração. Lida com sentimentos, causa um engajamento e esse movimento de fazer determinado conteúdo circular. Isso, no começo da pandemia pesquisadores da área estavam tentando entender o que estava acontecendo, e hoje a gente tem muito mais clareza que tudo aquilo que circulou na pandemia de chip da vacina, de indústria farmacêutica, de conspiração do governo chinês, que teria criado o vírus e tal. São assuntos que tocam o nosso coração, que a gente fala, nossa, olha só, eu vou receber aqui a verdade e vou passar para frente. Então as pessoas



fazem muito um movimento de compartilhar, não porque elas são ignorantes ou porque, até fazendo um diálogo, aula, a gente estava fazendo muito esse diálogo. A gente não pode olhar esse fenômeno como modelo do déficit. Ah, a pessoa é uma ignorante, ela tem que ser iluminada para não compartilhar mais desinformação. É que, realmente, aquilo toca o coração dela e ela passa para frente. E ela passa para frente achando que está fazendo uma boa ação, assim, que ela está realmente espalhando, ajudando. Então, não se trata de esperança, ou de, vamos iluminar essa pessoa. Se trata de, as peças de desinformação, elas são muito bem feitas, feitas com o objetivo de manipulação, isso ficou muito claro, na pandemia o objetivo era, da construção das peças, era fazer com que as pessoas acreditassem que não estava tendo pandemia, que não era tão grave, que podia continuar circulando, que a economia não precisava parar, enfim, terroristas contra instituições, contra o jornalismo, que tava lá divulgando as informações científicas, enfim. Então essas peças são muito bem feitas e manipulam muito. Na verdade as pessoas estão sendo manipuladas e com isso elas divulgam essas peças de desinformação. Isso tá cada vez mais claro e acho que a pandemia evidenciou muito isso, evidenciou a gravidade disso, porque antes a gente falava assim: tudo bem se a pessoa divulgar que a terra é plana, que se tomar o chá de limão, sei lá o quê, mas a gente viu na pandemia que isso pode matar, isso pode fazer com que a pessoa deixe de tomar uma vacina e escolha tomar um remédio sem eficácia e morra, ou que cause a morte de outra pessoa.[...] Então, ficou evidente fazer gravidade disso, e o quanto que isso precisa ser combatido, tanto que começaram uma série de ações, assim, o próprio governo novo, quando assumiu, começou a ter ações, né, e fazer comissões, e juntar especialistas, pensando o que que a gente faz aqui para para segurar esse movimento, então acho que cada vez mais a gente tem clareza disso, da gravidade, de informação, de quanto ela é feita para manipular as pessoas e quanto que as pessoas são manipuladas e, na maior boa intenção, estão compartilhando as ideias.

Angela Maria Grossi: A comunicação científica muitas vezes exige da gente esse transcodificar, ou decodificar, trazer uma codificação diferente para o público, dessa linguagem técnica, para a linguagem mais cotidiana. Então, essa talvez seja uma lição que a gente possa aprender com os conteúdos desinformativos. Essa linguagem mais próxima, mais acessível e mais perto mesmo do público, para que ele entenda que a ciência não é uma inimiga, mas uma aliada. Na sua visão, quais os principais desafios e limites desse processo de decodificação e até onde a gente pode transcodificar para chegar no público sem perder a validade da ciência, do conteúdo científico, da pesquisa que está sendo apresentada?

Sabine Righetti: Esse é o grande desafio, sobretudo por causa dos pesquisadores que são pouco aculturados com a necessidade de falar uma coisa de outra maneira. Então, a gente ainda tem nossos pesquisadores muito rígidos no seu formato de divulgação, nos termos, nos jargões, e pouco familiarizados com interlocutores que não são cientistas, então eles não falam, eles não falam com quem não é cientista e, portanto, não sabem falar com quem não é cientista, seja jornalista, agricultor, como a gente dizia, públicos variados, tomador de decisão. Então, o trabalho do divulgador, do jornalista, é justamente pegar aquele conceito e, sem erro, porque o importante é isso, eu não posso errar algo, por metáfora. Eu não posso ser errada ao dizer, mas eu posso, se não estiver errado no conceito, eu posso usar uma metáfora. E as metáforas, por exemplo, funcionam muito bem. Ah, isso é como um jogo de futebol, isso é como a panela de pressão, e funciona muito bem, porque traz um conceito para algo que as pessoas conhecem, eu conheço a panela de pressão, eu conheço o jogo de futebol. Eu vejo isso há mais de 20 anos, isso não muda. Os pesquisadores muito presos aos jargões, [...] as ideias, os nomes e querem manter esses



jargões, as siglas, e isso torna a comunicação impossível. Então, acho que o processo de trabalhar com os pesquisadores é fundamental para que os pesquisadores realmente pensem na pesquisa deles. Se você for na praça falar sobre a sua pesquisa, como vocêalaria? E aí escuto recorrentemente, escutei essa semana, uma pesquisadora que trabalha com bateria de lítio, ela falou, não dá para explicar, é muito complexo, não dá para explicar, portanto, eu não vou explicar.

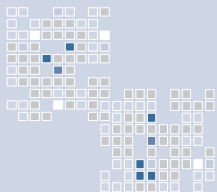
Angela Maria Grossi: Nem vou esforçar, nem vou querer.

Sabine Righetti: Exato, e bateria de lítio ainda é uma coisa que dá para trazer para a realidade das pessoas. Existem coisas, eu já ouvi isso, de físicos, de partícula e tal, mas isso ainda acontece. O pesquisador fala, para não correr o risco de usar o termo, eu não vou nem explicar, e se ele não explicar tudo bem, porque ele não é cobrado por isso, então a gente tem que mudar institucionalmente para ele conseguir explicar, conseguir usar uma metáfora, conseguir dialogar com o cientista de maneira que as pessoas entendam, quem não é um cientista daquela área, entenda.

Angela Maria Grossi: Eu vejo trabalhos iguais aos feitos pela Bori, ou pelo Serrapilheira de instrumentalizar cientistas, jornalistas, comunicadores, pessoas ligadas à produção científica de alguma maneira para chegar mais perto do público. Eu acho que isso talvez possa ser um princípio para a apropriação social do conhecimento científico, porque muitas vezes parece que é justamente o que você acabou de dizer, então a minha pesquisa é tão complexa, tão difícil, tão fora da realidade das pessoas que eu não vou ser capaz de comunicar. Mas as pessoas têm a capacidade de compreensão, o cientista também subjuga o público, o colocando numa condição de incapacidade, antes mesmo de tentar chegar nele. Procede esse raciocínio?

Sabine Righetti: É, exatamente, que é um pouco modelo do déficit, de achar que o meu interlocutor é impossível de entender. Mas você tocou num ponto muito importante, Angela, que é a questão da formação dos pesquisadores. Não se trata de apontar o dedo para o pesquisador e falar: ah, olha esse pesquisador não quer fazer um esforço de se comunicar. Na verdade, os pesquisadores do Brasil não fazem, isso é uma habilidade. Em nenhum momento dessa formação como pesquisador, na pós-graduação, enfim, os pesquisadores aprendem a falar com quem não é cientista. Eles aprendem a escrever o artigo e falar no Congresso. Então, isso tem que ser ensinado, e essas formações, a gente foi entendendo na Bori, cada vez mais que essas formações são fundamentais. Isso é legal.

Angela Maria Grossi: Eu queria pegar agora um outro ponto que é essa transformação digital e esses novos ambientes, considerando o papel das mídias sociais. Então, como é que essas mídias sociais, como TikTok, Instagram, podem influenciar a comunicação da ciência para diversos públicos? Mas eu acho que, especialmente, dois públicos, eu acho que são os mais, talvez, os mais vulneráveis no entendimento dessa, dessa comunicação da ciência, são os jovens, que muitas vezes ainda estão no seu processo formativo mesmo, e os idosos, que por sua vez já têm o seu pensamento formado e não se abrem ou não estão dispostos ou tem uma posição de não aceitar informações mais qualificadas ou, pensar sobre aquilo que está sendo posto. Então, como é que a gente pode pensar essas plataformas, esses ambientes, como ambientes de aproximação com esses públicos?



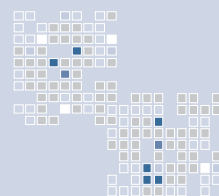
Sabine Righetti: Bom, a última pesquisa de percepção pública da ciência nacional, do Ministério, que foi depois da pandemia, e divulgada em 2024, quando a pesquisa perguntou para os entrevistados qual o principal mecanismo que você se informa sobre assuntos científicos, a maior resposta é pelas redes sociais. Então, passou TV, passou imprensa, passou meio de comunicação, então as pessoas estão, isso em qualquer faixa etária, obviamente mais os jovens, mas qualquer faixa etária, estão nas redes em formatos variados, porque também rede social é uma coisa homogênea, a gente tá falando de vídeo, a gente tá falando de áudio, a gente tá falando de imagem, de texto, Twitter, esse Twitter, por exemplo, e os primos do Twitter, é texto e comentar. Facebook também é um pouco isso. Instagram, cada vez mais vídeo, mas muito card, carrossel. TikTok, totalmente vídeo. YouTube, vídeos mais longos. Tem diferentes formatos, mas são formatos sobretudo audiovisuais. Então, a primeira coisa que a gente precisa entender é que a gente tem que estar nessas redes sociais, não dá para institucionalmente dizer: ah, não, isso não é pra mim. Não, a gente tem que estar. E se a gente está, a gente decide estar, a gente tem que ter estratégia e equipes específicas para as redes sociais, porque o jornalista que é o assessor de imprensa ou que escreve no jornal da universidade não é o mesmo que desenha, que faz a comunicação para a rede social, é como se fosse outro produto, é como se a gente estivesse falando de rádio e de jornal impresso, é outra lógica. Então eu tenho que ter uma comunicação totalmente específica para as redes sociais. E aí, muita gente acha que tem que fazer piadinha, dancinha. Não é disso que se trata. Eu tenho que estar naquele espaço, numa linguagem visual adequada, mas não precisa ser engraçado, não precisa ser superficial. Tem tantos exemplos. Eu gosto muito, por exemplo, de toda a comunicação da NASA, dos Estados Unidos. Eles fazem umas coisas muito legais, por exemplo, quando eles mandam aqueles jipinhos, os rovers, para Marte, por exemplo, que é o equipamento obviamente não tripulado, que está lá e fica explorando, tirando foto. Aí eles criam uma conta nas redes sociais para o jipe, como se ele estivesse falando: Hoje eu vim nessa região aqui de Marte, olha só, manda foto, aí você fala com o Jipe. Imagina, isso é uma estratégia tão legal, porque daí você fica acompanhando o que ele tá fazendo, você realmente acompanha. [...] Isso é uma coisa totalmente estratégica e, assim, dando um exemplo extremo, mas só para comentar que a gente pode ter tantas estratégias para redes sociais, e não precisa ser custoso, e não precisa ser engraçado, mas precisa pensar, como que eu vou chegar no meu interlocutor por esse mecanismo aqui. Não dá para a gente ignorar, porque é a principal fonte de informação da sociedade no Brasil atualmente.

Angela Maria Grossi: Acho que a América Latina também como um todo tem mudado muito a maneira de se comunicar. A gente percebe os jornais cada vez menos com menos assinaturas ou com menos circulação, as redes sociais com mais circulação, mais penetração, então isso é talvez seja um processo global.

Sabine Righetti: É, e a gente aqui, América Latina, com certeza, usa muito mais redes sociais do que países europeus, então, assim, é um grande assunto que a gente não pode ignorar, e precisa pensar como fazer.

Angela Maria Grossi: E nesse sentido do pensar e fazer, olhando que 2022, 23, pra cá, a gente teve essa ascensão do uso da inteligência artificial como um todo. Como pensar o uso da inteligência artificial na comunicação científica e como equilibrar também inovação tecnológica e responsabilidade social?

Sabine Righetti: Eu também vejo com otimismo a inteligência artificial. Vejo com otimismo muita coisa, mas um otimismo crítico. Vou contar uma coisa que temos feito na Bori. Desde o início, em fevereiro

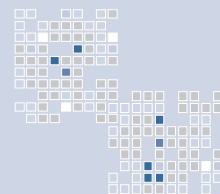


de 2020, a gente recebe, pelos nossos acordos com periódicos e editoras, algo entre 100 experimentos, artigos científicos, por dia. Isso só de pesquisadores brasileiros. E isso é muita coisa, e aí a gente tem um editor, uma pessoa que fica lá tentando achar os artigos científicos de interesse da imprensa, porque o meu interlocutor é imprensa e pode acontecer de deixar alguma coisa passar, enfim. E aí quando a inteligência artificial começou a ganhar força, de um ano para cá, uma coisa muito recente. Desenvolvemos um projeto, em parceria com a Fundação Conrado Wessel, para criar um sistema de leitura dos artigos científicos de pesquisadores brasileiros. Leitura, análise e diálogo desses artigos com o que a imprensa está cobrindo, com tomadas de decisão, projetos de lei, para identificar nesses artigos possíveis. Então, por exemplo, agora está todo mundo falando de um assunto específico, a imprensa está toda olhando para um assunto específico, se surge um artigo científico dialogando com esse tema, com o tema que está todo mundo falando, a chance daquele artigo emplacar na imprensa é muito maior. Por exemplo, esse a COP, a intoxicação por metanol, então quando tem um assunto que está já sendo falado, é interessante a gente trazer evidências sobre aquele tema, evidências científicas. A inteligência artificial já está nos ajudando a fazer isso, a ler algo que, porque eu gosto de pensar na inteligência artificial como algo que, de maneira humana, não dá para fazer. A gente não tem capacidade de ler 110, 115 artigos por dia, de entender do que se trata, de pensar, não dá. Então, eu gosto disso, assim, como que a inteligência nos ajuda e nos sinaliza o que pode ser interessante, aí a gente vai lá de maneira humana e verifica, e aí faz todo o processo humano. A inteligência social realmente pode nos ajudar nos processos de comunicação, e não se trata de substituir nada, se trata de ajudar otimizar os processos.

Angela Maria Grossi: Você falou bastante dessa questão dos artigos científicos, da quantidade da publicação, de como isso chega. A minha próxima pergunta é um pouco nesse sentido. Como os projetos de extensão universitária, revistas científicas digitais, têm cumprido um papel bastante relevante da democratização do acesso do conhecimento e como a gente pode estimular e fortalecer ainda mais essa criação para que a comunicação pública da ciência ou comunicação científica alcance outros públicos, para além dos especializados?

Sabine Righetti: Isso tudo precisa de movimentos institucionais, não pode esperar que o pesquisador toque lá, por boa vontade, um projeto que muitas vezes ele faz no final de semana, ou que um grupo de pesquisa faça algo. A gente tem que ter um movimento institucional. Então, isso significa que as instituições têm que valorizar esse tipo de iniciativa, tem que estimular, tem que criar editais de apoio. As agências de fomento têm que criar editais de apoio, têm que valorizar os processos avaliativos, seja o processo do pesquisador, quando submete um projeto, seja na avaliação do programa de pós-graduação, por exemplo. Então, esse tipo de iniciativa de extensão, de comunicação com a sociedade, tem que ser valorizado institucionalmente, estimulado, fomentado, e tem que fazer parte das avaliações, para que faça parte da atividade dos pesquisadores, porque, senão, a gente fica sempre naquela atividade, se sobrar tempo, se conseguir, se tiver paciência no final de semana. Então a mudança institucional é muito importante.

Angela Maria Grossi: Vamos para a reta final da entrevista, Sabine. Gostaria que você falasse um pouquinho desses desafios epistemológicos e metodológicos, quando a gente pensa no que caracteriza a especificidade latino-americana das pesquisas sobre comunicação em todas as regiões, eu sei que você

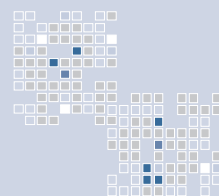


circula bastante pela Europa, América do Norte. O que diferencia o que é feito aqui, no Sul Global, do Norte Global, por exemplo?

Sabine Righetti: Bom, primeiro de tudo, a gente tem que pensar que nossas instituições de pesquisa são bem mais jovens do que as instituições europeias e norte-americanas. Falamos de instituições com algumas décadas, às vezes, com um pouco mais de 100 anos, as instituições são jovens e se consolidaram há pouco tempo, processos de divulgação, de circulação do conhecimento também é muito jovem. De 20 anos para cá estamos pensando como comunicamos nosso conhecimento com a sociedade. Isso num contexto em que nossas instituições são jovens, tem muito, muito, muito menos recurso do que instituições europeias e norte-americanas, muito menos recurso para fazer ciência e muito menos recurso para divulgar a ciência. A NASA, por exemplo, é uma instituição bilionária com muito dinheiro para comunicação. E a gente tem muito menos recurso. E, por outro lado, somos muito criativos e temos muita vontade de fazer. E isso também traz uma série de oportunidades, novamente falando da oportunidade. Então, acho que a gente tem muita oportunidade de criar. É como se a gente tivesse instituições menos enraizadas, menos rígidas. A gente pode criar mais. Isso nos traz oportunidades. Então, acho que a gente não pode sentar na cadeira do não temos dinheiro, porque a maior prova que a gente tem criatividade e capacidade é que, mesmo com muito menos recurso, na América Latina tem universidades que despontam no mundo. Mesmo com muito menos recursos, mesmo com uma formação de instituições muito mais recente, competimos e lideramos muitas áreas do conhecimento no mundo, como de ambiente, de saúde pública. Criamos conceitos que orientam a ciência de todo mundo. Se fazemos com muito menos recurso, eu sempre brinco, imagina se a gente tivesse recurso?

Angela Maria Grossi: E aí, nessa ideia de pensar a América Latina, como a pesquisa em comunicação científica pode ajudar a planejar políticas públicas, porque um outro problema também da nossa região, como um todo, é a fragilidade política e a fragilidade de políticas públicas, pensando em períodos ditatoriais ou de mais autoritarismo político. Então, como a comunicação científica pode ajudar a planejar essas políticas públicas e projetos que possam fortalecer a cultura científica na sociedade latino-americana?

Sabine Righetti: Eu sempre digo que andam de mãos as iniciativas de divulgação e as pesquisas em divulgação científica, que também carecem de um olhar mais específico, de editais específicos. Muitas vezes as pesquisas de comunicação científica, divulgação científica, acabam entrando em grandes editais de jornalismo, que são mais amplos, a gente precisaria ter mais específicos para a área de divulgação, quer dizer, para quem trabalha com divulgação e para quem quer entender o campo, para justamente formular, ajudar a formular estratégias e políticas públicas na área. [...] Quando eu estive na Universidade de Michigan, por exemplo, na parte do meu doutorado, eu acompanhei isso: Tem uma equipe de comunicação de treinamento de mídia para pesquisadores, com ações sistemáticas, ações periódicas, e fazem diversos tipos de treinamento para falar com TV, para falar com rádio, para escrever artigo de opinião, atender emergencialmente. Se tem uma situação de crise num assunto cotidiano, vamos treinar todos esses pesquisadores para atender a imprensa, para falar sobre esse assunto, enfim. Isso é uma ação institucional que fortalece com que os pesquisadores estejam na imprensa e no debate público. Então, as minhas, falando só do que eu faço, as minhas pesquisas identificam essa necessidade e a gente tem um monte de pesquisas que também vão identificando necessidades que precisam ser estruturadas numa



grande política pública, né, numa grande política científica. [...] Isso é muito importante ser feito de uma maneira, como uma política mesmo, justamente por causa do que você falou, a gente está sempre aí flertando com momentos mais tensos de ameaças à nossa democracia, não temos uma democracia forte. Estamos numa democracia nesse momento, mas a gente está sempre flertando com possibilidades. Então, realmente tem que se preparar e preparar que isso seja duradouro, para a gente realmente fazer essa circulação do conhecimento de maneira democrática.

Angela Maria Grossi: Eu vou, então, para as duas últimas perguntas. Qual o impacto que esse número especial da Revista ALAIC pode trazer, tanto no debate público, quanto no debate acadêmico mesmo, pensando aí na comunicação da ciência?

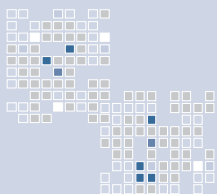
Sabine Righetti

Bom, eu já quero acompanhar. Eu já estou aqui esperando com roupa de acompanhar, porque essas iniciativas, apesar de muito necessárias, são raras. Então, quando surge uma edição, um dossiê, um olhar específico para o campo, a gente vai, assim, todo mundo olhar o que está sendo feito, o que está sendo falado, o que está sendo descoberto e como o que está sendo feito pode me inspirar no que eu estou fazendo e como eu posso dialogar com quem também está fazendo. É uma coisa que eu sempre busco. Por exemplo, vou falar com uma pessoa que também está investigando a mesma coisa que eu e vê se a gente chega junto em algum lugar, e para isso a gente precisa de trabalho, a gente precisa conhecer os trabalhos, né? Então, eu acompanho muito esse tipo de publicação para justamente permitir vislumbrar colaborações e fortalecer o campo como um todo. Eu acho fundamental.

Angela Maria Grossi: E eu vou pedir para você, para deixar uma mensagem, então, para os leitores, sobre a importância da comunicação pública da ciência como ponte entre pesquisa e sociedade.

Sabine Righetti: O que eu costumo dizer é que a ciência só existe se for comunicada. Se ela não for comunicada para a sociedade, a sociedade não a vê. A sociedade, as pessoas, o tomador de decisão, a pessoa que decide o orçamento para a ciência, o empresário. Se quiser que a ciência exista na vida das pessoas, precisa comunicar, se não a própria ciência está em risco. Então, comunicá-la tem que ser parte da vida dos cientistas, das instituições de pesquisa, para que ela passe a existir na vida das pessoas, porque senão a gente realmente está correndo risco.

32



Angela Maria Grossi: De não ser relevante para a sociedade, de não ter uma ligação com ela.

Sabine Righetti: Isso, e desconectada da sociedade como a gente está, ainda, isso é um grande problema. A gente realmente tem que encarar isso como um dever da ciência, das instituições, nosso como pesquisadores, fazer a ciência existir. As pessoas conseguem dizer, a tal universidade faz tal pesquisa, tal pesquisa tem a ver com tal coisa da minha vida.